



**Os adversários
não são seus
únicos desafios**

A princesa das águas

POR JULIANNA SÁNDOR

FANNI ILLÉS, 14 anos, ajusta os óculos de natação e entra na piscina do Héviz Resort, no oeste da Hungria. Depois, só se consegue ver sua cabeça subindo e descendo, enquanto ela cruza a piscina nadando borboleta, os poderosos braços saindo da água. Na raia ao lado, um rapaz forte e bonito mergulha e a segue em nado livre. Por alguns instantes ele tenta diminuir a diferença, mas assim que Fanni faz a virada o jovem desiste – sabe que não pode ultrapassar a garota.



Uma adolescente de Rezi, na Hungria, treina para se tornar campeã em torneios mundiais e nas Olimpíadas.

A EXPRESSÃO do rapaz revela um misto de espanto e admiração quando, depois de 20 minutos, a garota sai da água e vai para a borda da piscina. Fanni não tem pernas. Ela tem dois cotos parcialmente desenvolvidos e de tamanhos diferentes; além disso, os dedos das suas mãos cresceram grudados.

- E agora, pai? - ela pergunta a Tihamér Illés, acomodado na cadeira ao lado da piscina, lendo o programa de treinamento cuidadosamente preenchido.

- Nado livre, 15 piscinas. Mas ponha os palmares e use a bóia - responde ele.

Os palmares são dois discos que se encaixam nas mãos, enquanto a bóia é segura entre os cotos das pernas, para lhe elevar o quadril.

- OK! - diz Fanni, depois de tomar um gole de chá de uma garrafa.

Mais uma vez a criança "deficiente" vira a princesa das águas - orgulho do clube de natação, cujos feitos, documentados em jornais, enchem o quadro de avisos do corredor.

QUATORZE ANOS atrás, Erzsébet Illés entrou na maternidade como todas as outras felizes futuras mães. Durante a gravidez ela se submetera a várias ultra-sonografias, mas fora informada apenas de que devia esperar uma cesariana, pois o bebê era grande. Quando acordou da anestesia, um preocupado médico debruçou-se sobre ela: "Querida mamãe, temos um problema."

Eles não lhe mostraram a criança, e até recomendaram que Erzsébet voltasse para casa sem ela. A mulher aceitou a recomendação, tentando, ela e o marido, escapar da realidade, mas a partir daquele momento não teve mais paz. Acordava todas as noites tremendo e suando. Nada nem ninguém a consolava. Após uma semana, não agüentou mais: "Mesmo que o céu caia, vou buscá-la. Nós adequaremos nossa vida a ela."

Durante duas semanas Erzsébet foi regularmente ao hospital para aprender a cuidar de Fanni antes de levá-la para casa, em Rezi, cidadezinha no oeste da Hungria.

Os pais não se intimidaram pelo fato de Fanni ser diferente das outras crianças. Erzsébet não se afetou com os comerciais de fraldas na TV, nem com uma ou outra criança curiosa que parava na rua e perguntava:

- Tia Erzsi, é verdade que Fanni não tem pernas?

- Sim, é verdade - ela dizia, tirando a manta do carrinho de bebê para que elas pudessem ver a deformidade e se acostumassem com ela.

Apesar de os pais precisarem descobrir quase tudo por si mesmos, pois recebiam conselhos pouco práticos, decidiram tratar Fanni como se ela tivesse pernas.

Logo descobriram que tinham feito a escolha certa. A garotinha sentou, ficou de pé e andou feliz sobre os cotos. Mais tarde, recebeu uma prótese e muletas com as quais era levada ao jardim-de-infância e depois à escola primária.



Os pais decidiram criar Fanni como se ela tivesse pernas. Mais tarde descobriram que tinham feito a opção certa.

Depois de algum tempo, a vizi-nhança começou a se integrar à vida de Fanni. Com Réka, a irmã perfeitamente saudável, cinco anos mais nova, e outros colegas de rua, Fanni jogava bola, e o time acabou elegendo-a capitã, não por pena, mas porque ela era a mais ágil.

EM NOVEMBRO de 2004, aos 12 anos, Fanni foi a Budapeste a pedido da escola para se consultar com um fisiatra. Após examiná-la, o médico recomendou natação para melhorar a postura. Tihamér, que trabalha como porteiro no Instituto de Reabilitação do Exército Húngaro, em Hérzi, conseguiu que o técnico de natação admitisse sua filha no grupo de iniciantes.

Na primeira vez, contrariando a prática usual, Tihamér enrolou Fanni numa toalha e levou-a para a piscina, temendo que a menina ficasse constrangida no meio de pessoas normais. Na verdade, ela estava ado-

rando a chance de poder mergulhar naquela água morna.

Em sua primeira aula, Fanni nadou uma piscina inteira no estilo peito. Em duas semanas já sabia nado livre. E o nado de costas ela aprendeu em meia hora. O

treinador disse que não fazia sentido experimentar nado borboleta, desapontando a menina, pois nos outros estilos Fanni estava mais adiantada que os colegas.

O mais importante, no entanto, era ver como aquela garotinha ficava feliz na água, como se lá fosse o seu lugar. Com a ajuda do diretor do Instituto, seu pai conseguiu um passe livre na piscina do Ministério do Interior, e a partir daí eles nadavam juntos uma hora por dia.

“Ela competia comigo”, lembra Tihamér, que também é ótimo nadador. “Primeiro, era dela a vantagem de poder optar pelo estilo livre, enquanto eu nadava 20 piscinas em nado de peito na piscina grande; mas no ano seguinte nós competíamos de igual para igual. Então, um belo dia, ela me venceu.”

Foi aí que Tihamér Illés começou a perceber que estava diante de um fenômeno. Ele chamou o especialista de natação da Clínica Mexico Avenue, em Budapeste, e pediu os resultados dos melhores paranadores, enquanto também pesquisava na Internet. O que viu tirou seu fôlego. “Estávamos perto dos melhores”,

conta. Mas para maiores progressos precisavam de um técnico.

ISTVÁN MÁLNAI, o lendário treinador de nadadores húngaros deficientes, foi apresentado como a melhor pessoa para ajudar Fanni. Eles o encontraram na piscina pública da cidade de Balatonfüzfő, no oeste da Hungria, em 26 de julho de 2005 – data que os Illéses nunca esquecerão. Tio Pista, como os alunos o chamam, treina ali as crianças da região, nos fins de semana.

Autodidata, experimentou os mais variados métodos para ensinar crianças deficientes a nadar. Os sócios do Clube de Natação Dagály, em Budapeste, até hoje se lembram de quando ele entrou na piscina com um lado do

não tivesse visto. Tinha alunos com cotos de perna e todos andavam, por isso se perguntou por que Fanni chegara numa cadeira de rodas e com as pernas cobertas. Percebeu que a menina ainda lutava contra inibições.

Mas quando lhe perguntou se deviam ir para a piscina pequena ou para a de 50 metros, Fanni, sem hesitação, escolheu a grande. Ela nadou uma piscina em cada estilo, e terminou exausta.

– E o nado borboleta? – perguntou Tio Pista.

– Não é para mim – respondeu Fanni, de olhos baixos.

Tio Pista não disse nada, mas quando foram para a piscina pequena a fim de aprimorar a técnica, ele

Fanni ficou com o ouro dos 100 metros nado de peito no Campeonato Nacional.

corpo imobilizado. Eles riram de como ele se debatia desesperado na água e do fato de que “bebeu metade da piscina” antes de completar o trajeto. Mas depois viram que um de seus alunos novos não tinha um braço e uma perna. E viram também como, após os testes feitos em si mesmo, Tio Pista ensinou o garoto a nadar.

Quando o bronzeado sessentão de cabelos grisalhos e olhos azuis cumprimentou Fanni, logo sentiu que os dedos da menina não eram normais. Ele havia apertado muitas mãos pequenas em sua vida. De fato, quase não havia deformidade física que

pegou o braço da garota e o girou como era necessário no movimento do nado borboleta.

Mesmo na primeira aula, o treinador tocou nos cotos sem constrangimento, a fim de ajudá-la a melhorar a postura. Foi a reafirmação de um sinal de confiança.

Depois de girar-lhe o braço em círculo por mais dez vezes, Tio Pista pegou Fanni pela cintura e a menina nadou a piscina com braçadas de nado borboleta, quase o arrastando junto. Nesse ponto o treinador pôde sentir o que apenas tinha visto quando ela mergulhara diante dele pela



István Málnai conduz o treinamento semanal de Fanni para aperfeiçoar a técnica da menina.

primeira vez: sua nova aluna tinha baixa densidade corporal relativa e uma boa postura.

A parte superior do corpo de Fanni era tão musculosa por causa do uso das muletas que ela parecia ter praticado levantamento de peso durante anos.

Talvez um talento natural tenha vindo até mim, como um diamante bruto, pensou o experiente treinador. Mas ele também sabia que, sozinho, não podia fazer dela uma campeã. Para isso, os pais também devem de-

dicar-se inteiramente e, o mais importante, é necessário que a criança esteja muito motivada, com uma atitude positiva, quase obsessiva, diante das tarefas e da vida.

“Tudo é possível, mas você precisa querer”, acredita Málnai, que, por exemplo, convenceu o pai vidraceiro de um de seus alunos a construir aquários para ajudar nos treinos. O técnico entra na água com nadadeiras, e, com uma câmera dentro de um aquário, filma os alunos nadando debaixo d’água.

Freqüentemente Tio Pista acompanhava os treinamentos de Fanni desse modo, empurrando o aquário ao longo da piscina. Depois de anali-



Fanni e o pai a caminho da piscina de Héviz, onde treina todos os dias.

sar as filmagens, Tio Pista fazia planos detalhados de como aperfeiçoar o posicionamento do corpo e as braçadas do nadador. Com base nessas observações, Fanni e o pai refaziam os exercícios de correção de postura em casa todos os dias.

MENOS DE UM ANO depois da primeira aula de natação, no Campeonato de Budapeste disputado no início de outubro de 2005, Fanni já estava entre as melhores de sua categoria. Paraatletas são classificados em categorias de acordo com a extensão de suas deficiências, a fim de equilibrar as chances de todos.

O processo é parecido com o de um alfaiate. Fanni foi medida com

precisão – o tamanho das mãos, incluindo os dedos juntos, e o comprimento dos cotos. Com isso, descobriu-se que seus braços também não tinham o mesmo tamanho.

Em novembro, no Campeonato Nacional de Paranaudadores, a garota ficou com o ouro dos 100 metros nado de peito. Nessa época, Tihamér Illés continuava acompanhando os campeões mundiais e ficou impressionado quando percebeu que Fanni estava mais perto deles a cada semana. Determinada, ela treinava alegremente com o pai – aprendendo, por exemplo, a fazer a virada sozinha, com a ajuda dos DVDs a que assistiam juntos.

Tio Pista aperfeiçoava seu estilo a cada uma ou duas semanas e preparava a agenda de treinos. Os tempos de Fanni continuavam a melhorar de maneira prodigiosa.

O momento decisivo foi no Egito, numa competição internacional em dezembro de 2005. Fanni Illés terminou em primeiro lugar em cinco provas. Mas algo mais aconteceu, algo no mínimo tão importante quanto esses primeiros lugares. Fanni não apenas ganhou medalhas, mas amigos. Em casa, Fanni tinha amigos, mas pouco falava com os nadadores deficientes que frequentemente encontrava em Füzfô, local de algumas competições húngaras. Os outros não conversavam muito com ela, que era tímida demais para se aproximar de estranhos, a maioria crianças de Budapeste.

Mas aqueles dez dias juntos no Cairo quebraram o gelo. No meio deles estava Tihamér Illés, cuja habilidade para fazer palhaçadas conquistava as crianças, ajudando Fanni a se soltar também. Não só porque ela podia estar no meio das crianças de destino igual ao seu, mas também porque percebeu que elas não ficavam constrangidas com suas deficiências e que não se isolavam, como Fanni vinha fazendo até então.

“Entre as competições, nós assistíamos aos jogos de pólo aquático da arquibancada”, lembra Fanni, “e eu, em um tom meio depressivo, fiz um comentário para Tamás, que estava sentado ao meu lado: ‘Nossa, esses caras estão jogando pólo aquático...’ E ele perguntou: ‘De novo você com essa atitude?’”

Seus amigos Tamás, Kata e Bence não têm mãos; Feri não tem um braço, mas nunca ocorre a eles esconder

seus defeitos. Desde o Egito, Fanni não cobre mais as pernas; passou a se aceitar, e seu humor melhorou. Em grande parte isso é resultado das conversas por telefone e da troca de *e-mails* com os amigos, das palhaçadas e risadas com eles – e, é claro, de seus resultados nas competições.

Na Hungria, entre os paranadadores, não há ninguém que se compare a ela. Em meados de 2006, na Dinamarca, Fanni melhorou tanto o seu tempo que Tio Pista, que não é do tipo sentimental, beijou-lhe as mãos.



MAIOR OBJETIVO agora é Pequim e o ouro olímpico. Para isso ela ainda precisa trabalhar muito. Quatro quilômetros de nado por dia não serão o bastante, então agora serão sete, o que significa que Fanni vai nadar três quilômetros e meio duas vezes por dia. E mais: não bastará treinar em casa. Para melhorar, ela vai ter de entrar em tantas competições internacionais quanto possível. Desde julho de 2005, ela faz parte da Seleção Nacional Húngara de Paranadadores.

Tudo isso causa uma enorme sobrecarga a seus pais. Alguns amigos e colegas juntaram esforços e criaram a Golden Coot Foundation, que procura patrocinadores para garantir que a carreira de Fanni não seja interrompida por problemas financeiros.

“Gostaríamos de expressar nossa admiração pela força de vontade dessa menina”, afirma um dos fun-

dadores, Gyöngyi Anna Tóth, colega de Tihamér Illés. “É essencial para a saúde física e mental de Fanni que ela continue a competir. E não apenas por ela, mas por todos que vivem à sua volta. Seu exemplo inspira igualmente crianças e adultos.”

Fanni, que cursa a 8ª série na escola de Rezi, também é uma excelente aluna. Ela deve ir para o colégio interno em Zalaegerszeg, mas não está com medo, pois já é completamente auto-suficiente. Depois, pretende ingressar em uma universidade e gostaria de estudar Direito. Por que não?

“A autoconfiança de Fanni aumentou consideravelmente”, diz o

pai, que também percebe o quão contagiantes mostraram ser o espírito e a grande força de vontade da filha. Após conhecer Fanni, não há quem não saia com uma auto-imagem renovada. Como exemplo ele cita algumas mulheres que costumavam cobrir as varizes das pernas, na piscina de Héviz, e que agora não entendem como puderam ter tratado algo tão insignificante como um problema.

“Acho que, vendo minha filha, perceberam que suas dificuldades são causadas primeiramente pelas próprias atitudes negativas”, diz Tihamér Illés. “Talvez seja essa a missão que Deus destinou a Fanni.”

NO MUNDO DA LUA

Esta aconteceu no curso de Física, da Universidade de Moscou.

Em uma determinada ala, há vários auditórios, separados por um longo corredor, cada um com duas portas. Certa vez, durante uma palestra, o giz acabou. O professor então pediu a um aluno que fosse pegar giz no auditório ao lado.

O aluno saiu pela porta esquerda, virou à direita e entrou pela porta da direita no próprio auditório em que estava, acreditando estar no auditório vizinho.

Seus colegas de turma começaram a rir. O aluno não percebeu nada, e perguntou ao palestrante se ele podia emprestar o giz. Este, por sua vez, respondeu que também estava sem. O aluno voltou pelo mesmo caminho e entrou no mesmo auditório pela porta da esquerda, dizendo:

– Eles também não têm giz.

Todos, com exceção do professor e do aluno distraído, a essa altura estavam dando boas gargalhadas.

– Eu sei – respondeu o professor calmamente. – Alguém veio de lá agora há pouco e pediu giz emprestado.

